

Minas se une outra vez

José Negreiros

A sete meses das mais significativas eleições gerais dos últimos 25 anos da história republicana, o fato político mais importante até agora é o anúncio de que Minas Gerais reeditará a

Aliança Democrática para disputá-las. A Aliança foi patenteada como uma técnica de ganhar eleição antecipadamente, já testada com êxito pelo menos duas vezes no ano passado: em janeiro, em pleno Colégio Eleitoral, quando Tancredo Neves foi eleito para a Presidência da República; e mais tarde, em outubro, no pleito direto, quando os candidatos da Aliança ficaram com todas as prefeituras que disputaram.

Invenção tão mineira quanto o tutu de feijão, a aliança entre o PMDB de Hélio Garcia e o PFL de Aureliano Chaves representa muito mais do que uma poderosa coligação de interesses regionais cujo troféu é o Palácio da Liberdade. Significa que, uma vez mais, Minas resolveu se unir visando na verdade à Presidência da República, que estará novamente a prêmio dentro de dois



anos. É isso que confere uma qualidade diferente à sucessão desse Estado em comparação com seus concorrentes nacionais pela Presidência — São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco.

Em São Paulo, que já se dividira na sucessão do general Figueiredo, o PMDB repetiu à dose na eleição municipal e prepara-se para reproduzir idêntica crise este ano. Lá, um eleitorado segmentado anteriormente em três candidatos abriu-se a um quarto — o empresário Antônio Ermírio de Moraes — e poderá chegar até novembro com cinco, se o prefeito Jânio Quadros entrar na competição, no mais impressionante processo de autofagia política dos últimos 20 anos.

O nome do governador Leonel Brizola, por sua vez, tem a marca registrada da desagregação. É lícito supor que dificilmente ele arrastaria consigo o Rio, estado onde o PMDB luta dramaticamente para erguer uma legenda alternativa, enquanto o eleitor cobra o saneamento de métodos eleitorais definitivamente aposentados pela era do cruzado. Ao contrário dos paulistas, portanto, a crise dos cariocas é de liderança, a ponto de se valerem de um gaúcho apoiado por um Rio Grande do Sul também dividido desde a sucessão passada.

Embora observadores de bom senso acreditem que jamais o nordeste faria o sucessor de um nordestino, como o presidente José Sarney, a verdade é que os partidários da

candidatura do deputado Miguel Arraes imaginam que sua vitória para governador de Pernambuco fatalmente o colocaria no ranking onde também se costuma incluir seu conterrâneo Marco Maciel. O problema é que, a exemplo de São Paulo e Rio, a sucessão em Pernambuco só tem servido para afastar os grandes nomes da política local.

Em silêncio, Maciel evita convite para visitar o Estado e assiste à formação de um embrião de frente de pemedebistas históricos contra Arraes, assessorados por uma minoria xiita que tem como estratégia a pior aliança à direita, desde que isso assegure o poder. Somente em Minas Gerais a astúcia de seus políticos já concluiu que a verdadeira guerra é a sucessão de Sarney e o seu botim deve ser repartido por dois. Ou seja, Rio, São Paulo e Pernambuco preferem falar do carisma de seus candidatos, esquecendo-se de que, assim como um partido, também um Estado dividido não ganha eleição.

O instinto mineiro está tão sintonizado com a aposta que fez no futuro a ponto de aceitar uma união, que já envolve inclusive expressivas faixas do empresariado, mesmo sem dispor hoje de nomes capazes de mobilizar um eleitorado nacional numa disputa majoritária de tal expressão. Se for reeleito, entretanto, Hélio Garcia começará a viabilizar recursos eleitorais que agora parecem remotos. O próprio Aureliano Chaves, que se arrisca a desaparecer da memória do eleitorado e condenar a

bancada do PFL a uma dieta forçada, acabará beneficiário do acerto tático.

Afinal, não é a primeira vez que os mineiros se unem para chegar ao poder. Tancredo repetiu apenas a fórmula que deu a vitória a Juscelino Kubitschek e em 1964, o primeiro uniu os civis antes do patrocínio militar. O falecido presidente tinha por slogan a frase: "O primeiro compromisso de Minas é com a liberdade". Hoje, os próprios mineiros esclarecem, com bom humor, que o governador Hélio Garcia tomou a palavra liberdade como o palácio onde despacha e acrescentou: "E o segundo é com o Planalto".

Estilo cruzado

O diretor da Corretora Planibanc, Luís Carlos Plaster, conheceu num jantar em Brasília o diretor da dívida pública do Banco Central, André Lara Resende, um dos autores do Plano Cruzado. Ficou impressionado com seu estilo mineiro de esconder o que pensa e a determinação com que defende alguns pontos de vista. No dia seguinte, telefonou para um amigo e anunciou: — Vou vender toda a minha carteira de títulos públicos. Esse Lara Resende é louco. Fala pouco, e quando fala é com tanta convicção que é capaz de fazer o que diz.

José Negreiros é reporter do JORNAL DO BRASIL em Brasília.